

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

## **Professor e Mídia: (re) pensando saberes e currículos na perspectiva da Educomunicação**

**Isys Helfenstein Remião<sup>1</sup>**

### **Resumo**

A proposta deste artigo é analisar como se dá a relação dos professores com a comunicação e uso das mídias na sua prática pedagógica. A educomunicação é o conceito norteador do trabalho no sentido de compreender o ecossistema comunicativo no ambiente escolar fundamentado nos autores Soares (2011) e Martín-Barbero (2014). E sob esta ótica refletir a formação docente e os currículos. A pesquisa empírica foi realizada na Escola Estadual Reverendo Augusto Paes de Ávila, situada no município de Praia Grande/SP. Os procedimentos metodológicos centraram-se em questionários quantitativos e qualitativos e entrevistas em profundidade.

Palavras-chave: Educomunicação. Escola. Ecossistema Comunicativo. Mídia. Professores.

### **Introdução**

“A escola só pode triunfar junto aos alunos do povo e fazê-los triunfar se for capaz de comunicar uma alegria atual àquilo que lhes ensina: o prazer de sentir a emoção de um poema, seja ele composto por um escritor ou por eles, de desenvolver um raciocínio coerente, de construir e de compreender os mecanismos, os sentimentos de ter uma visão mais segura dos próprios problemas” (SNYDERS, 1981, p. 395).

As transformações econômicas e sociais ao longo da história do país resultaram em uma espécie de “déficit de sentido” na educação, com a ausência de perspectivas de médio e longo prazos e de uma orientação clara em relação a sua função social. As instituições escolares enfrentam novos problemas para a universalização do ensino por conta dos processos educacionais terem sido, em grande parte da história, assumidos

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a orientação da professora Dra. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. E-mail: [isysremiao@gmail.com](mailto:isysremiao@gmail.com)

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

como setoriais e não como parte de um projeto de construção de sociedades mais justas (TEDESCO, 2015). Para enfrentar alguns desses desafios, a escola deve ser analisada como espaço sociocultural, compreendida sob a ótica da cultura, a partir de um olhar que leva em conta o dinamismo, o fazer-se cotidiano, de homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores que são seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos (DAYRELL, 2006).

As recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio explicitam a necessidade de avançar na perspectiva de uma educação emancipadora e que, portanto, deve contemplar todas as dimensões da formação humana. Os novos programas governamentais, como o Programa Ensino Médio Inovador do Ministério da Educação e o Programa Ensino Integral da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo – em que a escola, objeto da pesquisa, está inscrita-, são “respostas” à esses desafios e demandas. A própria “Juventude” vem de uma história recente de reconhecimento como sujeitos de direitos, com a aprovação do Estatuto da Juventude somente em 2010. E, apesar das conquistas sociais da última década, as políticas sociais ainda não foram capazes de superar as desigualdades sociais que afetam diretamente as trajetórias de vida de milhões de jovens, e que, parte deles chega ao Ensino Médio trazendo para a escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, impondo assim, novos desafios à escola (DAYRELL, 2014).

Nesse sentido, a educomunicação revela novas possibilidades de se relacionar no ambiente educativo, trazendo para este, uma comunicação baseada no diálogo, na expressão, na democracia e na gestão compartilhada de recursos. Sob esta ótica, este artigo apresenta a Escola Estadual Reverendo Augusto de Paes Ávila, situada no município de Praia Grande (SP) e que, inscrita em dois programas que orientam o uso das mídias e da tecnologia, incentiva os professores a atuarem em uma nova lógica, tendo como princípio o protagonismo juvenil.

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

A pesquisa empírica teve como ponto de partida a etapa exploratória que contou com a aplicação de questionários aos professores a fim de investigar a formação, a área de atuação e o perfil dos docentes e mapear o uso de mídias tanto para consumo pessoal como para a prática pedagógica; a análise de documentos disponibilizados no Blog da Escola<sup>2</sup> como: regimento escolar, os Guias de Aprendizagem<sup>3</sup> - com o intuito de verificar se e como a comunicação e/ou as mídias estavam inseridas no currículo das disciplinas-, e o Caderno do Aluno<sup>4</sup>. A partir dessa primeira análise foram selecionados seis professores para a segunda etapa que utilizou como procedimento metodológico a entrevista em profundidade, semi-aberta. A entrevista foi orientada por um roteiro de perguntas previamente estabelecido e, ao passo que o diálogo se constituía, outros elementos puderam ser questionados (BARROS e DUARTE, 2015). As entrevistas foram realizadas no período de março a abril de 2016, na própria escola.

## O Ecossistema Comunicativo

Entender a escola como um espaço sociocultural e os alunos como sujeitos de sua educação, nos leva a tecer uma crítica à instituição escolar em relação à homogeneização dos alunos, já que ela é vista como única, com a função de garantir a todos o acesso aos conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade, que são materializados em livros, programas, etc, desconsiderando a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos que dela participam (DAYRELL, 2006).

“(…) os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento uniforme dado pela

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://eeververendo.blogspot.com.br/>. Acesso em 24/08/16

<sup>3</sup> O Guia de aprendizagem é a organização da disciplina pelo professor, em que consta os conteúdos trabalhados e as habilidades a serem desenvolvidas em cada disciplina.

<sup>4</sup> O Caderno do Aluno é a apostila oferecida pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos.” (DAYRELL, 2006, p. 140).

A compreensão dos alunos como sujeitos socioculturais se dá na medida em que se reconhece as suas diferenças, enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, uma visão de mundo, valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, comportamentos e hábitos que lhes são próprios. Os jovens que chegam à escola são o resultado de um processo educativo amplo, visto sob duas ordens: as macroestruturas que representam o nível de acesso aos bens culturais e seus padrões de comportamento; e o nível das interações sociais, “em que os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria” (DAYRELL, 2006, p. 141).

Neste sentido, a escola pode ser vista como resultado de um confronto de interesses, pois, se de um lado, a escola, enquanto organização oficial, define conteúdos, funções, normas e regras que pretendem estabelecer as relações sociais; de outro, existem os sujeitos, toda a comunidade escolar que cria uma trama própria de interrelações. Ou seja, a escola é um processo em permanente construção social, feita pelas pessoas que dela participam, pelas relações que são estabelecidas no seu interior, pois nenhum sujeito é passivo diante da instituição (DAYRELL, 2006).

“De fato a escola vem se tornando uma experiência sociocultural cada vez mais forte na vida das pessoas, experiência que não se esgota fundamentalmente nos conhecimentos apreendidos nos livros ou com os mestres, mas passa pela longa experiência das relações sociais com a instituição, com os colegas, os mestres, a autoridade, a disciplina, a ordem, as normas, enfim, a organização do processo educativo e as relações políticas e sociais em que se produz a educação” (ARROYO, 1987, p. 9).

Há ainda de se reconhecer que os professores também são “Outros” em gênero, origem social, racial, trazem saberes, leituras de mundo e de si mesmos. Eles trazem outras experiências sociais e outras indagações ao campo do conhecimento, são

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

produtores de conhecimento (ARROYO, 2014, p. 55). Nesse sentido, a escola é polissêmica pois leva em conta que seu espaço, seus tempos, suas relações são significados de forma diferenciada, pelos alunos e pelos professores, dependendo da cultura e do projeto dos diversos grupos sociais nela existentes.

É nesta perspectiva que se encontra o ecossistema comunicativo, permeado pelas relações que os diferentes sujeitos trazem direta ou indiretamente para o ambiente educativo, é a trama de interrelações ou de interações, da qual fala Martín-Barbero:

“Ecossistema comunicativo que configura a sociedade ao mesmo tempo como modelo e trama de interações, conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e narrativas que alteram a percepção das relações entre o tempo do ócio e o trabalho, entre o espaço privado e o público, penetrando de forma não mais pontual – pela imediata exposição ao meio ou pelo contato com ele –, mas transversal, a vida cotidiana, o horizonte de seus saberes, gírias e rotinas. A crítica indispensável, tanto dos conteúdos como das formas de sedução dos meios audiovisuais, só será válida e socialmente eficaz quando a escola for capaz de inserir essa crítica em um projeto de mudança educativa de envergadura cultural.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 55)

Soares (2001) afirma que não há um modelo de ecossistema comunicativo, mas diversos, segundo os graus de interatividade presentes nos processos de trocas simbólicas. No espaço escolar, uma comunicação essencialmente dialógica e participativa só se efetivará com a gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação.

Portanto, o desafio que o ecossistema comunicativo traz para a educação não se faz apenas na apropriação de instrumentos tecnológicos mas, também, na emergência de um novo sentido cultural, na criação de um espaço de ação comunicativa integrada. A relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, e sim por um tipo de convívio humano, pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, que reconhecem a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência. (SOARES, 2011)

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Desta forma, quando nos perguntamos como a comunicação está presente no espaço da Escola Estadual Reverendo, podemos tecer algumas análises a partir da pesquisa realizada e dos conceitos que nos trazem os autores Soares (2011) e Martín-Barbero (2014).

A primeira delas é que os programas governamentais quando orientam uma prática pedagógica centrada no protagonismo juvenil e nas novas formas de aprender dessa juventude, “provocam” aos docentes a repensarem suas práticas. Os professores entrevistados trouxeram para a pesquisa elementos que dizem respeito a inovação nos modos de ensinar, com o uso de jogos eletrônicos, softwares e plataformas virtuais. Essas práticas são resultados do investimento dos programas em equipamentos eletrônicos e na própria concepção de uma educação do século XXI, conforme aponta o documento do Programa Ensino Integral:

“A escola pretendida pelo Programa Ensino Integral põe em relevo, para além de conteúdos acadêmicos, conteúdos socioculturais e a possibilidade de vivências direcionadas à qualidade de vida, ao exercício da convivência solidária, à leitura e interpretação do mundo em sua constante transformação.” (SÃO PAULO, 2012, p. 9)

No entanto, duas questões são conflitantes nessa análise: se por um lado, o Programa investe e orienta para uma prática inovadora, por outro, sem uma formação continuada para os professores o uso das mídias torna-se, por vezes, instrumental. Nas práticas que se destacaram por levam em conta o ecossistema comunicativo, percebe-se que são de professores que, de alguma forma, buscam formação ou experiências “extra escolares” relacionadas à comunicação. A Escola e/ou os Programas não oferecem formação para que os docentes trabalhem, dentro do currículo, o universo cultural midiático dos estudantes. O currículo, fragmentado em disciplinas e materializado nas apostilas, torna o conhecimento fragmentado, em tempos e horários, e dificulta a

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

possibilidade de integrar outros conhecimentos, o das vivências, o das histórias, o das mídias.

Ao analisar as práticas pedagógicas por meio das entrevistas em profundidade, os guias de aprendizagem e as apostilas das disciplinas, apesar de em cada três disciplinas (de um universo de 12) a cada série do Ensino Médio citar as palavras comunicação e/ou mídia nos guias, as apostilas continuam priorizando a leitura do texto impresso, as referências que pouco ou nada tem a ver com a vida desses jovens que estão em determinado território, em uma determinada cultura.

Segundo Martín-Barbero (2014, p. 51), a escola mantém um sistema mecânico de leitura passiva, que desconsidera a imagem dinamizadora dos processos de comunicação e afasta a dialogicidade, já os meios de comunicação não estabelecem fronteiras e sim novos espaços e novas velocidades. Para o autor, o livro continuará sendo a chave para a primeira alfabetização mas a escola não deve fechar-se na cultura letrada e sim, trabalhar com as “múltiplas escrituras que hoje conformam o mundo do audiovisual e do texto eletrônico”.

Contudo, notou-se que essa perspectiva só se abre quando os professores, por iniciativas individuais, rompem com a centralidade da apostila e levam para a sala de aula outros elementos, promovendo o debate de ideias, o diálogo e a expressão comunicativa dos estudantes.

## **Formação de Professores e Currículos**

Como falamos anteriormente, as escolas são lugares onde trabalham e chegam sujeitos sociais também produtores de conhecimento, por isso os currículos não são apenas lugares de armazenamento de conhecimentos produzidos em cada área (ARROYO, 2014). Ou seja, os professores devem ser vistos também como produtores de conhecimento. A autoria é uma condição para a formação – do aluno e do professor-, no sentido da criação, da expressão e do reconhecer-se sujeito do seu próprio processo de



# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

formação. Num momento em que a tecnologia e a cultura digital reconfiguram os papéis da aprendizagem e interação, se faz necessário não só pensar na recepção crítica mas principalmente e consequentemente na autoria de jovens e docentes. A experiência com a cultura digital está construindo novos usos da linguagem e novas formas de interação que precisam ser problematizadas no currículo de formação de professores, ao passo que, demandam a mediação sistemática para auxiliar na construção de uma atitude mais crítica em relação aos modos de navegar, produzir e interagir com as mídias e as tecnologias. (FANTIN e RIVOLTELLA, 2012)

A educação que incorpore os meios de comunicação deve articular duas dimensões: a aproximação do jovem – imerso no ambiente da internet, redes sociais, videojogos, etc. – e a utilização dos meios como objeto de análise e descoberta dos mecanismos de produção midiática (GOMÉZ, 2014). Nesse sentido Gómez (2014, p. 11) considera que o maior desafio contemporâneo para a educomunicação é:

“(...) formar audiências para que se assumam como emissores e interlocutores reais, não somente simbólicos dos meios e dos demais produtos intercambiados nas redes sociais. Se antes foi fundamental formar para a recepção, agora é imprescindível formar também para a emissão e produção criativas.”

Em pesquisa realizada entre 2006 e 2008<sup>5</sup>, com o objetivo de verificar como os jovens docentes (com idade até trinta anos) da rede pública estadual e municipal de São Paulo se inserem no interior das relações comunicativas, Citelli (2010) aponta que:

“Como se apresenta no conjunto de dados coletados, as práticas em sala de aula não parecem ter mudado substancialmente pelo fato de os jovens docentes estarem mais integrados aos circuitos da comunicação. A posse de computadores e televisão a cabo ou o acesso à internet não

---

<sup>5</sup> A íntegra dos dados está em relatório intitulado “Linguagens da comunicação e desafios educacionais: formação de jovens professores e circunstâncias midiáticas” enviado ao CNPq em 2009. Material de posse do autor.



# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

garantem, nas práticas do magistério, a passagem da sociedade industrial para o polo informático-midiático.” (CITELLI, 2010, p. 23)

Em complemento a pesquisa acima, parte do mesmo relatório, o autor investigou trinta e quatro instituições de Ensino Superior no país, basicamente entre Faculdades de Educação, uma vez que, são elas que costumam ser responsáveis por ministrar os programas de Licenciatura, e constatou poucas mudanças depois de anos realizando pesquisas nesta área, mesmo com este segmento etário que está ou deveria estar em contato com a cultura midiática. E afirma que:

“Muitas das licenciaturas existentes no país prosseguem dispensando nenhuma ou discretíssima atenção a um evento fundamental para se pensar nas dinâmicas das sociedades contemporâneas: os meios de comunicação e suas linguagens”. (CITELLI, 2010, p. 18)

Desta forma, para que a educomunicação se faça presente nas escolas é preciso que ela esteja presente nos currículos dos cursos de Licenciatura que formam os professores, que enfrentam uma série de desafios na escola pública, em especial no Ensino Médio, e que “apenas” os programas governamentais não darão conta de responder.

## **Considerações finais**

O artigo não se propôs a responder se as práticas pedagógicas analisadas são ou não educomunicativas, mas sim, se trazem elementos da área como: diálogo, expressão e produção comunicativas, análise crítica, democracia e gestão colaborativa. Nas diversas práticas analisadas pode-se dizer que, algumas promovem o diálogo e a expressão dos estudantes, mas nenhuma delas trabalha com a mídia como objeto de análise, conforme apontou Gómez (2014).

A comunicação é reconhecida em documentos oficiais dos próprios programas governamentais e das diretrizes curriculares para o Ensino Médio, e ainda, pela escola no seu regimento escolar – que cita a produção de mídias por estudantes -, e nos guias de

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

aprendizagem dos professores. No entanto, os professores da escola operam na lógica do uso dos recursos para a dinamização do ensino. No cenário de 15 professores que responderam ao questionário e seis entrevistados, apenas dois se destacaram por ampliar o potencial comunicativo dos alunos e ampliar o repertório das apostilas trazendo outras referências.

Por isso a importância de voltar a atenção para o papel social dos professores, enquanto produtores do conhecimento junto com os jovens, com capacidades para relacionar os conteúdos impostos no currículo com a vida dos estudantes, na qual a mídia tem um papel fundamental.

A educomunicação é processo e depende dos vários sujeitos envolvidos, neste caso, no ambiente escolar. Desta forma, cada ponta desse sistema tem a sua função de renovar e inovar o ensino, mas se a formação dos docentes, inicial ou continuada - oferecida pelas universidades, programas, secretarias ou pela própria escola-, não for repensada e a partir daí, os professores “convocados” a renovar os currículos e reorganizar os saberes, os jovens continuarão buscando outros espaços para aprender e socializar suas histórias, seus valores e seus sentimentos, se afastando cada vez mais da escola.

## Referências Bibliográficas

Arroyo, G. Miguel. **O direito ao tempo de escola**. In. Seminário “Escola Pública de Tempo Integral: uma questão em debate”, Fundação Carlos Chagas, 1987.

\_\_\_\_\_. **“Repensar o Ensino Médio: Por quê?”**. In: Dayrell, Juarez. Carrano, Paulo. Maia, Carla Linhares (orgs). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

CITELLI, Adilson. **Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens professores**. *Comunicação & Educação*, São Paulo: CCA/ECA/USP/Paulinas, ano XV, n. 1, jan./abr. 2010, p. 15-26.

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

\_\_\_\_\_. **Comunicação e educação: implicações contemporâneas.** In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP/Paulinas ano XV, n.º 2, maio-ago 2010, p. 13-27

DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_; Carrano, Paulo. **“Juventude e Ensino Médio, quem é este aluno que chega à escola”.** In: Dayrell, Juarez. Carrano, Paulo. Maia, Carla Linhares (organizadores). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (org). **Cultura Digital: Pesquisa e Formação de professores.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Educação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania.** São Paulo: Paulinas, 2014. Coleção Educomunicação.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na Educação.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes.** 2. Ed. Portugal: Moraes Editores, 1981.

SOARES. Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma no ensino médio,** São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. (coord.). **Caminhos da Educomunicação.** São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

TEDESCO, Juan Carlos. **“Escola e sociedade no século XXII”.** In Jarauta, Beatriz; Imbernón, Francisco (orgs). Pensando no Futuro da Educação: uma nova escola para o século XXII. Porto Alegre: Penso, 2015.

## **Documento retirado da internet:**

**Documento orientador do Programa Ensino Integral da Secretaria do Estado de São Paulo,** 2012. Disponível em:

<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/342.pdf>. Acesso em 15/04/2016.